



Artigo

WHEN BAD THINGS HAPPEN TO GOOD PROGRAMS

***QUANDO COISAS RUINS ACONTECEM
COM BONS PROGRAMAS***

***CUANDO A BUENOS PROGRAMAS
LES PASAN COSAS MALAS***

Aimee Copping

Aimee Copping

Aimee Copping é musicista, autora e educadora musical. Ela é a criadora do Blackball, um programa inovador de ensino de música eletrônica para crianças e jovens em comunidades carentes, e colaborou com o programa de música prisional Pros and Cons. Duplamente laureada pelos Estudos de Pós-Graduação de Ontário, Aimee possui mestrado em Estudos Críticos em Improvisação e está no segundo ano do doutorado em Prática Social e Mudança Transformacional na Universidade de Guelph. E-mail: acopping@uoguelph.ca

Abstract

Scholarly examination of carceral arts programming is both limited and selective. Academic research tends to focus on prison-based theater programs, music workshops, and creative writing courses, which are widely embraced and easily implemented. However, carceral arts programmers often face challenges within a correctional culture that is ambivalent toward their work. This study focusses on these programmers and their programs to understand why effective carceral programs, both in Canada and abroad, are not always able to *do good*.

Keywords: prison arts, restorative justice, arts-based programming, community arts, arts education.

Resumo

Quando se trata de educação em artes em instituições de privação de liberdade, pesquisas acadêmicas enfatizam o lado positivo: cursos de escrita criativa, oficinas de teatro e programas de música são ferramentas altamente eficazes e aparentemente sem problemas que ajudam a orientar pessoas encarceradas em direção à reabilitação e à reintegração. Na realidade, os benefícios dos programas de artes em prisões são muitas vezes prejudicados pelos muitos obstáculos, contratempos e desafios que eles encontram na prática. Embora os resultados finais de seu trabalho beneficiem as pessoas em privação de liberdade, muitos educadores artísticos que atuam nessas instituições não têm apoio, não são remunerados e são invisíveis para a comunidade em geral. Esta pesquisa investiga os diligentes criadores de programas de artes em contextos de privação de liberdade no Canadá e ao redor do mundo e tenta aprender como programas que são bons nem sempre conseguem fazer o bem.

Palavras-chave: artes prisionais, justiça restaurativa, programação baseada em artes, artes comunitárias, arte e educação.

Resumen

Cuando se trata de la educación en artes carcelarias, la investigación académica resalta lo positivo: cursos de escritura creativa, talleres de teatro y programas de música son herramientas altamente efectivas y aparentemente libres de problemas que ayudan a guiar a las personas encarceladas hacia la rehabilitación y la reintegración. En realidad, los beneficios de los programas de arte en prisiones a menudo se ven minados por los numerosos obstáculos, reveses y retos que encuentran en la práctica. Si bien los resultados finales de su trabajo benefician a las personas encarceladas, muchos educadores artísticos en prisiones no reciben apoyo o remuneración y son invisibles para la comunidad en general. Esta investigación analiza a los diligentes y compasivos creadores de programas de arte carcelario en Canadá y alrededor del mundo para tratar de aprender cómo programas que son buenos no siempre pueden hacer el bien.

Palabras clave: artes carcelarias, justicia restaurativa, programación basada en las artes, artes comunitarias, educación artística.

Introdução

Nenhuma aula de arte é mais obscura, incompreendida ou ressentida do que a oferecida nos presídios. Embora indivíduos privados de liberdade tenham se beneficiado de programas artísticos organizados desde meados da década de 1970, esses programas permanecem pouco pesquisados. O campo da justiça restaurativa geralmente aceita que as artes em contexto de privação de liberdade são benéficas. Praticantes, policiais penais¹ e pesquisadores concordam que programas de dança, teatro, música e escrita criativa “proporcionam experiências de aprendizado autênticas que envolvem as mentes e os corações dos encarcerados” (Brewster, 2014, p. 2, tradução nossa) e promovem “um alto nível de engajamento e sucesso no programa” (van der Meulen, Omstead, 2021, p. 103, tradução nossa). No entanto, as realidades do dia a dia das artes em contexto de privação de liberdade estão repletas de desafios logísticos

1. No Brasil os profissionais que atuam dentro das instituições em privação de liberdade voltadas para pessoas maiores de 18 anos são os policiais penais.

e administrativos que raramente são abordados na literatura. Portanto, este estudo obtém seus dados diretamente de praticantes de artes que trabalham com pessoas privadas de liberdade criando, não destruindo.

Primeiro, as Boas Notícias

A abordagem otimista dos programas de artes em contexto de privação de liberdade chamou a atenção da autora pela primeira vez em março de 2018, com o lançamento de um novo álbum gravado no âmbito do programa de mentoria musical *Pros and Cons*. Gravado dentro da prisão feminina *Grand Valley Institution for Women*, o álbum foi recebido calorosamente.

As vozes das detentas da *Grand Valley Institution for Women* serão ouvidas ao redor do mundo por meio de um novo álbum inovador lançado online (Weidner, 2018, tradução nossa).

À medida que o disco é tocado, ondas de reconhecimento percorrem a multidão. Há entusiasmo, sorrisos, elogios e timidez ao ouvirem as músicas finalizadas pela primeira vez (Greene, 2018, tradução nossa).

O que se desconhecia à época era que a *Grand Valley* possuía um histórico de projetos artísticos de curta duração – e que, no pequeno mundo da programação de artes em contexto de privação de liberdade, críticas entusiásticas são comuns. Nas raras ocasiões em que tais programas são analisados por estudiosos ou pela mídia, estes são tratados com diplomacia. Os 59 textos reunidos no *The Prison Arts Resource Project: An Annotated Bibliography* [O Projeto de Recursos de Artes Prisionais: Uma Bibliografia Anotada] examina uma variedade de oficinas bem-sucedidas de poesia, pintura, dança e música em presídios americanos, geralmente concluindo que são tônicos revigorantes para os participantes. Os curiosos sobre programas que fracassaram devem olhar mais de perto.

As atividades artísticas em prisões e reinstalações são caracteristicamente díspares, descentralizadas e integradas. São financiados de forma insuficiente e inconsistente e, por isso, são de pequena escala, oportunistas e de curta duração (Miles; Clarke, 2006, p. 5, tradução nossa).

Um texto canadense mais recente é ainda mais direto.

When bad things happen to good programs

Os programas artísticos em prisões canadenses, especialmente em instituições femininas, são limitados; consequentemente, também o é a literatura sobre esse tema (van der Meulen; Omstead, 2021, p. 103, tradução nossa).

Programas artísticos são de fato limitados e foram ainda mais reduzidos pela pandemia da covid-19. Artistas docentes que criam e ministram programas artísticos em presídios enfrentam mudanças de funcionários de última hora, burocracia demorada, longas jornadas de trabalho com pouca ou nenhuma remuneração e feedback ou incentivo mínimos. Como observa *The Limits of Rehabilitation and Recidivism Reduction* [Os Limites da Reabilitação e Redução da Reincidência], “a própria prisão não é obrigada a garantir a continuidade do programa” (van der Meulen; Omstead, 2021, p. 118, tradução nossa).

Bate na madeira: Programas na Precariedade

O precursor de todos os programas artísticos prisionais é o *Prison Arts Program* [Programa Artístico Prisional], atualmente conhecido como *California Arts in Corrections* [Artes em Instituições Correcionais da Califórnia]. A *Prison Arts* foi lançada em 1975 por Eloise e Page Smith na prisão estadual State Medical Facility em Vacaville, Califórnia. As irmãs Smith acreditavam que “a liberdade interior conquistada por meio da disciplina e das recompensas da arte construiria a autoestima das pessoas em privação de liberdade, o que, por sua vez, levaria a uma melhora no comportamento” (Brewster, 2010, p. 2, tradução nossa). Em 1981, elas já contavam com financiamento generoso e administravam programas em seis instituições estaduais da Califórnia. Hoje, a ambição, o escopo e a longevidade de sua criação são fundamentais para os inúmeros arte-educadores que seguiram. Contudo, mesmo o poderoso *Arts in Corrections* permaneceu vulnerável.

O Conselho de Artes da Califórnia passou recentemente por grandes mudanças e cortou nosso financiamento em 75% (Copping: Flores, 2023).

Para entender por que alguns programas artísticos prisionais são deixados à própria sorte em um ambiente de indiferença e fragilidade, este projeto de pesquisa foca nos próprios educadores. Após extensa consulta com o

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Guelph sobre as considerações éticas de entrevistar profissionais que atuam em contextos de privação de liberdade, a autora realizou entrevistas semiestruturadas com dois educadores sobreviventes do cárcere, um autor renomado e vários artistas teatrais que desenvolvem projetos em três países diferentes. O resultado é uma coleção eclética de vozes, unânimes em afirmar que sua disciplina pouco conhecida possui propriedades transformadoras para alunos e professores. Lawrence Hill lidera clubes do livro e cursos de escrita criativa para pessoas encarceradas há duas décadas, e seu entusiasmo pode ser melhor descrito como “sem limites”.

Encontrei na prisão o mesmo tipo de sede de aprendizado, de estímulo intelectual e de engajamento social que encontrei viajando por alguns dos países mais pobres do mundo (Copping: Hill, 2023).

As pessoas vêm até mim regularmente e dizem coisas que você simplesmente não inventa, como: “este foi o melhor dia que tive em nove meses”. As pessoas não falam assim quando estão apenas te dizendo uma frase pronta (Copping: Hill, 2023).

O trabalho teve um impacto igualmente profundo em Rubén Funkahuatl Guevara, músico, escultor e autor. Rubén colaborou com Bo Diddley, Johnny Otis, Tina Turner e Frank Zappa, e ministrou oficinas de poesia na prisão estadual California State Prison, em Lancaster, durante duas décadas. Ele é categórico sobre qual dessas experiências teve maior impacto pessoal sobre ele.

Sou principalmente um artista, cantor e compositor. Mas também trabalho com poesia, e isso é o que me traz mais satisfação. Provavelmente é a forma de arte ou experiência artística mais gratificante até mesmo do que se apresentar para 5.000 pessoas (Copping: Guevara, 2023).

O poder inspirador dos programas artísticos nas prisões toca até mesmo não-participantes. Liz Vitek foi diretora da prisão feminina Grand Valley Institution for Women durante a ocupação da Pros and Cons. Para ela, o projeto representou um ponto alto em sua carreira.

Em meus mais de 30 anos de experiência, essa foi uma das dez melhores – talvez até uma das cinco melhores – experiências positivas. Realmente foi (Copping: Vitek, 2023).

When bad things happen to good programs

Lançado em 2012 pelo músico, produtor e proprietário de gravadora independente canadense Hugh Christopher Brown, o Pros and Cons se destaca por sua abrangência e resiliência. Trata-se de um programa raro que continuou operando durante a pandemia – e que o fez por iniciativa dos seus próprios participantes.

[O programa no presídio] Collins Bay Minimum foi o primeiro que conseguimos recomençar. E a mudança é que, felizmente, já tínhamos construído um estúdio lá antes da pandemia. Assim, as pessoas puderam usar as ferramentas. Então, chegamos a um salto incrível na base de conhecimento – muito trabalho já havia sido feito e muitos relacionamentos haviam sido construídos durante a pandemia (Copping: Brown, 2023).

Embora os confinamentos não sejam novidade para as pessoas em privação de liberdade, a pandemia foi catastrófica tanto para eles quanto para os programas que os atendem. Dos nove arte-educadores prisionais que participaram deste estudo, apenas Brown havia retomado as atividades presenciais quando foi entrevistado no início de 2023.

A artista teatral, diretora e educadora Kate Rubin trabalha com a trupe William Head on Stage em uma instituição prisional em Victoria, Colúmbia Britânica. Rubin transmite uma crença inabalável no potencial da educação artística em contexto de privação de liberdade. Na entrevista, ela é sucinta, factual e sem sentimentalismos – mas também supersticiosa.

Temos uma taxa de frequência muito alta, um nível muito alto de comprometimento e frequência – bate na madeira (Copping: Rubin, 2023).

Esse otimismo cauteloso é comum entre os entrevistados. Brown, por exemplo, é cauteloso quando a discussão se volta para os participantes que comparecem irregularmente.

Na J-Min, houve uma vez em que ninguém apareceu. E isso se deveu à falta de comunicação. As pessoas não sabiam que a aula estava acontecendo. E às vezes acontece isso, de as pessoas dizerem coisas como “Eu não sabia que você estaria aqui hoje”, e aparecerem nos últimos cinco minutos. (Copping: Brown, 2023).

Rubén Guevara também aborda as questões de participação e envolvimento com naturalidade.

Em Lancaster, havia um indivíduo – sabe, é muito raro – que não era muito cooperativo. Ele não queria memorizar... os seus versos. Ele queria criar seus próprios. Sabe, nós demos um jeito (Copping: Guevara, 2023).

Kimberlee Walker, que liderou oficinas de teatro sobre justiça restaurativa na Grand Valley Institution for Women por meio de seu projeto Theatre of the Beat, enfrentou dificuldades com a complexa estrutura social da população carcerária, marcada por panelinhas, segredos e controle de acesso.

Acredito que parte dos meus problemas com a frequência se deve ao fato de que, depois que começamos, algumas pessoas mantiveram o programa de teatro quase como um segredinho. Elas convidavam as amigas, mas ninguém mais sabia disso. Bom, nos dias em que não há ninguém presente, é péssimo. Você faz todo esse planejamento e, tipo, eu me dedico muito a isso, sabe? Sempre busco fazer um programa realmente bom. Pode ser bem decepcionante (Copping: Walker, 2023).

Atualmente, Jake Bury é músico e engenheiro de áudio que colabora com a Pros and Cons. No entanto, ele estava cumprindo pena quando de seu primeiro contato com o projeto. Bury também dedica tempo para se mostrar receptivo a discussões sobre participantes que não se engajam.

Com certeza houve pessoas que eram do tipo – tivemos vários casos em que, sabe, aquele cara claramente só queria se aproveitar do espaço, dos equipamentos e do fato de termos um computador que podia gravar coisas. Eles não dão a mínima para a Pros and Cons (Copping: Bury, 2023).

A experiência do fotógrafo comercial David Popplow com programas artísticos em prisões foi marcada por contratempos e partidas. Seu curso de fotografia na Grand Valley Institution for Women foi cancelado após apenas dois anos.

Uma das detentas, bem... simplesmente desistiu. Ela não tinha o que era preciso. Ela não queria ou não gostava – não sei. Na segunda vez, também adicionamos mais algumas vagas. Mas as duas pessoas que entraram por último simplesmente sumiram – tipo, ficaram duas semanas e depois foram embora. Elas simplesmente não apareceram (Copping: Popplow, 2023).

A frustração de Popplow não é incomum. O desinteresse e a desconexão inexplicáveis são a especialidade dos arte-educadores prisionais. A falta de

When bad things happen to good programs

apoio por parte dos funcionários do sistema prisional é outro obstáculo comum. Um arte-educador, que preferiu não se identificar, relatou o desaparecimento de recursos vitais para o projeto logo após a chegada de um novo diretor. Outro compartilhou experiências com um Oficial de Programa Social (Social Program Officer – SPO) sob a condição de que seus comentários não lhe fossem atribuídos.

Às vezes, eu sentia que estava incomodando as pessoas, talvez, ao tentar levar adereços ou ao pedir que um depósito ou uma sala de aula fosse destrancada... Eu sentia que tinha esse direito, mas eles achavam que não.

Houve uma ocasião em que obtivemos permissão de um superior para que um dos nossos participantes tivesse um CD para praticar durante a semana. O CD precisou passar por um SPO. E essa pessoa discordava filosoficamente do projeto. Ele ficou irritado porque ela parecia [informação omitida] achar que eles tinham direito a isso – tipo, “Qualquer coisa que eu faço por você é um bônus e você deveria ser muito grata”.

Tom Magill, nascido na zona norte lealista de Belfast e envolvido na violência do conflito na Irlanda do Norte, foi condenado e preso ainda adolescente. Após ser libertado, estudou teatro e trabalhou com o diretor teatral Michael Bogdanov e o cineasta Franc Roddam. Magill acabou por fundar a Educational Shakespeare Company e produziu *Mickey B*, uma adaptação inovadora de *Macbeth* filmada dentro de uma prisão de segurança máxima e com a participação de egressos do IRA e lealistas. Ao longo de todo o processo, os funcionários da prisão ridicularizaram abertamente o seu trabalho.

Todos achavam que iria fracassar. Eles acreditavam na punição, não na reabilitação. Eles não acreditavam que as pessoas pudessem mudar. Eles meio que se ressentiam da ideia de que vinte desses caras estivessem obtendo uma qualificação educacional quando pensavam: “Bem, sabe, eles deveriam estar presos e recebendo pão e água” (Copping: Magill, 2023).

O músico e ativista Quetzal Flores também relata como funcionários da prisão criaram obstáculos à realização dos programas. Sob a égide do projeto “Arts in Corrections”, o trabalho de Quetzal abrange uma extensa rede de “vilas” de artes tradicionais, incorporando artesanato, música, dança e culinária tradicionais que, antes da pandemia, funcionavam simultaneamente em 16 prisões estaduais da Califórnia.

150 participantes por prisão, por sessão, certo? E as sessões têm duração de 16 semanas... estamos oferecendo um programa para 75 homens pela manhã e 75 homens à tarde ou à noite (Copping: Flores, 2023).

O relato de Flores sobre a notória California State Prison, Corcoran, destaca tanto as diferenças gritantes entre os sistemas penais canadense e americano quanto a necessidade urgente de uma renovada aplicação de abordagens abolicionistas em ambos os contextos.

Então, esta é nossa primeira prisão. E é uma prisão de segurança máxima. E ouvimos coisas – dos funcionários, dos guardas – como “Por que vocês estão aqui? Por que você não vai dar aula em escola? Essas pessoas não merecem aulas. Eles não merecem aprender a tocar música” (Copping: Flores, 2023).

O Sistema

Em certo aspecto, todas as instituições são semelhantes: quando os funcionários prisionais demonstram ambivalência em relação a um programa artístico, essa ambivalência inevitavelmente se estende aos participantes. Um ex-diretor descreve o problema em termos administrativos.

O segredo seria ter algo como a Região de Ontário totalmente engajada... um nível maior de comprometimento por parte das pessoas que são os mentores musicais no que diz respeito à instituição. Porque se há financiamento, então é algo real (Copping: Vitek, 2023).

Como os programas consomem espaço e recursos zelosamente guardados, os profissionais precisam cultivar relacionamentos com a instituição para que os seus sobrevivam.

É vantajoso para as pessoas que trabalham no sistema prisional receberem diretrizes e permissões, em vez de terem que pedir autorização à administração. Isso isenta diretores e outros funcionários de decisões difíceis (Copping: Brown, 2023).

Além de ser criador de conteúdo e gerente de projetos, o arte-educador que atua em contextos de privação de liberdades precisa ser um bom negociador,

When bad things happen to good programs

capaz de persuadir autoridades governamentais a liberar verbas e abrir portas. Esses funcionários exercem um poder considerável, influenciados por questões raciais. Em 2023, o Serviço Correcional do Canadá supervisionava 47 instituições que abrigavam aproximadamente 12.667 pessoas (Statistics Canada, 2025). O custo estimado mais recente para alojamento, alimentação e vestuário de cada pessoa privada de liberdade é de 150.505 dólares canadenses anualmente – quase dois bilhões de dólares por ano (Statista, 2025a). Apenas metade dos presos são brancos; 12,6% são asiáticos, hispânicos ou de outras origens culturais; 8% são negros e, notavelmente, 27% são indígenas (Statista, 2025b). E esses números se referem apenas às instituições federais. A população carcerária estimada no Canadá é de 35.485 pessoas (World Prison Brief, 2023). Por trás de cada número existe uma vida humana preciosa, moldada por ambientes familiares disfuncionais, acesso limitado à educação e problemas de saúde mental e abuso de substâncias não tratados – circunstâncias que, para muitos, fazem da prisão o único desfecho provável.

Mesmo uma única vida assim é uma tragédia.

No Canadá, existem 35.485 delas.

Quetzal Flores descreve a situação como um “sistema”.

São pessoas que foram sistematicamente impactadas, que nunca tiveram chance desde o início. Eles não nasceram assim. Eles não nasceram prontos para ter cometido o crime que os levou à prisão. Sabemos que existem inúmeras leis e políticas que levam pessoas, principalmente de escolas públicas, para a prisão. O sistema é projetado dessa forma (Copping: Flores, 2023).

Sobreviver a esse sistema exige modos de comportamento que seriam incompreensíveis para a maioria de nós. O livro de David Gussak, *The Effectiveness of Art Therapy in Reducing Depression in Prison* [A eficácia da arteterapia na redução da depressão em prisões], aborda esse ponto em termos clínicos.

Mecanismos de defesa como o silêncio, a mentira e atos agressivos interferem nas habilidades da vida diária e na eficácia da terapia. O aumento do analfabetismo e da organicidade criam obstáculos adicionais para que um detento comunique problemas mentais, emocionais e/ou fisiológicos (Gussak, 2007, p. 445).

Uma pessoa em privação de liberdade, que preferiu não se identificar, esclarece.

Você não sabe o que é uma prisão a menos que vá para lá. Você não consegue descobrir isso pela TV, nem ler sobre nos livros. Não é apenas o lugar que te destrói; é saber que você está no degrau mais baixo da sociedade... um número a ser esquecido por aqueles de fora (Brewster, 2010, p. 12).

A essa altura, a expressão inócua “sistema de justiça” já se transformou em sátira mordaz. Quando uma sociedade não consegue fornecer aos seus cidadãos os meios para viverem de forma responsável e, em seguida, prende aqueles que considera irresponsáveis, pode realmente ser chamada de “sistema”? Quando esses cidadãos “irresponsáveis” são confinados na meia-realidade desconhecida da prisão até que recitem uma declaração formal de responsabilidade, a justiça entra na equação? E enquanto essas questões permanecerem sem resposta, será que uma prática artística estável, sustentável e eficaz dentro das prisões é sequer possível?

Os Colaboradores

Uma das conclusões desta pesquisa foi que os profissionais entrevistados desconheciam, em grande parte, os outros participantes da pesquisa ou o trabalho deles. No entanto, eles foram unânimes ao afirmar que sem comunidade não pode haver criatividade.

Todo mundo fala a linguagem da música. Quer você simplesmente estale os dedos no ritmo de uma música ou assobie uma melodia, não importa se você toca música... Pros and Cons oferece isso às pessoas e diz: “Aqui está. Podemos começar a conversar um com o outro.” Agora não se trata mais de “Ah, eu ando com os caras negros. Eu ando com os caras brancos.” Não, não, não. Estamos todos aqui trabalhando em uma mesma coisa. Estamos falando de música” (Copping: Bury, 2023).

Bury prossegue relatando um encontro tenso entre participantes da Pros and Cons com visões distintas, que redirecionaram suas diferenças para uma frutífera colaboração artística.

Acho que é a penúltima música do álbum *Paint in the Forest*. (Disbarred, Pros and Cons) Foi escrito por um cara do metal, um cara branco que literalmente tem uma tatuagem [informação omitida] nas costas – na parte de trás da coxa. Isso mesmo. Veio desse tipo de criação e escreveu a música. E aí o [informação omitida] ouviu a música e disse: “Cara, você tem que – você tem que me deixar cantar nessa música.” E ele cantou, e o cara branco em prantos. Ele achou incrível. Então, envolveu – você tem três pessoas de origens radicalmente diferentes. Não havia muros (Copping: Bury, 2023).

Em sua obra seminal *Toward Psychologies of Liberation* [Em direção às psicologias da libertação], Mary Watkins e Helene Shulman imaginam “uma espécie de fuga da prisão na qual encontramos a plenitude de nós mesmos e de nossas comunidades” (Watkins, Shulman, 2008, p. 47, tradução nossa). Baseado na ênfase abolicionista no cuidado e na comunidade, as aldeias tradicionais dentro das prisões de Quetzal Flores oferecem aos participantes a experiência inédita de serem valorizados por sua comunidade e instilam o que ele chama de “senso de responsabilidade”

Estamos lidando com artes tradicionais e não apenas com alguma prática artística aleatória. Estamos reconstruindo conexões, conexões necessárias para que esses participantes tenham isso – criando um senso de mobilidade, um senso de responsabilidade e um senso de justiça. Porque quando falamos de cultura, estamos falando de um conjunto de valores que nos ensinam o que é justiça. As práticas tradicionais já têm isso incorporado – esse sistema de conexão, de pertencimento, de valor, de papel a desempenhar (Copping: Flores, 2023).

Em outras palavras, não basta simplesmente dizer aos indivíduos em privação de liberdade que eles devem assumir a responsabilidade. Por um lado, eles já foram informados. Por outro, como observa George Lipsitz (2021, p. 4, tradução nossa), “as condições de suas vidas não permitem um otimismo ingênuo. Os problemas que abordam não podem ser simplesmente ignorados ou resolvidos com a recitação de slogans simplistas”.

E, visto que é razoável supor que as pessoas que entram na prisão não tiveram vidas caracterizadas por conexão, mobilidade e responsabilidade, a educação em arte representa uma opção inovadora e poderosa. Criar espaço para que indivíduos em privação de liberdade se expressem criativamente não é simplesmente uma demonstração da teoria abolicionista em ação, mas sim a sua concretização.

Estamos falando de um conjunto de valores que nos ensinam o que é justiça. O que nós, como artistas, podemos fazer para apoiá-los na integração ou na reintegração à comunidade, que dê uma oportunidade? Isso lhes dá um lugar para procurar algo diferente do que procuravam antes, para encontrar esse tipo de comunidade? (Copping: Flores, 2023)

Tom Magill, embora desconheça Flores ou seus projetos, fala desses mesmos valores.

O poder da criatividade é imenso, extremamente importante, e eu adoro compartilhá-lo com outras pessoas – principalmente com aquelas que estão em circunstâncias difíceis, como as que eu enfrentei – seja com vícios, encarceramento, auto-ódio e todas essas coisas horríveis. E está dando às pessoas uma saída. Na verdade, é a criatividade que dá agência às pessoas para se tornarem versões melhores de si mesmas (Copping: Magill, 2023).

O Fardo

Em seus quase quatro anos de trabalho de campo, a autora praticamente se inseriu naquele que é o mais incomum dos ateliês: uma prisão federal feminina. Ela trabalhou com uma variedade de pessoas em privação de liberdade de todo o Canadá, representando diversas heranças culturais, faixas etárias e origens socioeconômicas. No entanto, elas compartilhavam um único objetivo: fazer boas músicas. Para um compositor, nada é mais valioso do que um refrão bem construído – um ponto focal, um clímax melódico e uma mensagem inspiradora, tudo em um só, cuja letra resolve os problemas da vida com algumas palavras simples e memoráveis. Mas até recentemente, o refrão tinha um nome diferente. “As canções e baladas antigas frequentemente tinham um refrão ou lema para cada verso, que na linguagem da época era chamado de ‘fardo’” (Grove, 1900, p. 17).

Essa palavra arcaica tem sua própria lógica. Um fardo é algo que se torna mais leve e mais forte quando compartilhado.

Um ex-participante do Pros and Cons me escreveu – ele já saiu da prisão – e era um dos pouco mais controversos, não queria fazer parte do grupo, essas coisas. Ele me escreveu no ano passado dizendo: “Só agora me dei conta de que um completo estranho apareceu e dedicou seu tempo a mim semanalmente sem nenhum outro motivo além de achar que valia a

When bad things happen to good programs

pena.” Ele estava passando por um tipo... agora que o trauma e a opressão da prisão acabaram, esse sentimento de consciência e gratidão por si só significa que ele está se libertando de qualquer tipo de vitimização (Copping: Brown, 2023).

Essa é a mobilidade das artes em contexto de privação de liberdade: participantes díspares, unidos pelas circunstâncias, criam arte nova e vibrante munidos apenas de alguns instrumentos doados e de suas próprias experiências de vida diversas – e, nesse processo, descobrem a regeneração e a responsabilidade.

Invertendo os Papéis

Os entrevistados deste estudo conhecem em primeira mão o poder redentor da criação e da colaboração. Eles também sabem como esse ímpeto pode ser facilmente perdido na burocracia indireta do ambiente prisional. Considere quantas categorias existem no organograma do sistema prisional: agentes de programas sociais, voluntários e profissionais de justiça restaurativa, policiais penais, administradores e diretores de presídios, comissários e os secretarias estaduais e federais de segurança pública a quem eles se reportam.

E a importância da educação em contexto de privação de liberdade diminui à medida que sobe na hierarquia institucional – um resultado nada surpreendente no que é, na prática, uma comunidade fechada planejada, construída e supervisionada por pessoas que não vivem nela. Mas se os papéis fossem “invertidos” (Lipsitz, 2021, p. 5), e o envolvimento e a autodescoberta da prática criativa fossem universalmente compartilhados, as artes prisionais poderiam ser vistas pelo que são: liberdade para as pessoas em privação de liberdade falarem por si mesmas, em vez de absorverem os palpites daqueles que estão na outra ponta. Os portões não podem ser removidos, mas a comunidade pode mudar – se todos os envolvidos participarem. Como observa Magill, nunca sabemos de onde virá a melhor ideia.

Não é difícil entender por que os estudiosos tendem a minimizar os aspectos menos atraentes das artes prisionais. Afinal, detalhar as falhas do ensino de artes em presídios dificilmente irá sanar suas imperfeições. Décadas de estudos acadêmicos explicaram como os programas artísticos podem inspirar, curar e cultivar a responsabilidade entre pessoas em privação

de liberdade; esta pesquisa demonstra que tais resultados só surgem quando as instituições oferecem seu apoio pleno e ativo.

A aula de artes oferecida na prisão é um andaime que dá às pessoas em privação de liberdade a oportunidade de trilhar um caminho através dessa alvenaria impenetrável. É uma tarefa árdua, especialmente para um encarcerado que está precariamente ligado a arte-educadores invisíveis, sem apoio e não remunerados.

O fardo deles seria consideravelmente mais leve se nós nos juntássemos a eles.

Bibliografia

- BREWSTER, Larry G. The California Arts-in-Corrections Program: a Qualitative Study. **International Journal of Community Music**, [s. l.], v. 3, n. 2, p. 33-46, 2010.
- BREWSTER, Larry G. The Impact of Prison Arts Programs on Inmate Attitudes and Behavior: A Quantitative Evaluation. **Justice Policy Journal**, [s. l.], v. 11, n. 2, p. 1-28, 2014.
- GREENE, Sarah. Undisclosed Location is the first album made inside a Canadian federal womens prison. **NOW Toronto**, 2018.
- GROVE, Sir George (ed.). **A Dictionary of Music and Musicians (A.D. 1450–1889) by Eminent Writers, English and Foreign**. London: Macmillan, 1900.
- GUSSAK, David. The Effectiveness of Art Therapy in Reducing Depression in Prison Population. **International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology**, Thousand Oaks, v. 51, n. 4, p. 444-460, 2007.
- LIPSITZ, George. **Going to Jail: Confronting a System of Oppression..** Ontario: International Institute for Critical Studies in Improvisation, 2021.
- MILES, Andrew, CLARKE, Rebecca. **The Arts In Criminal Justice: A Study of Research**. Manchester: University of Manchester, 2006.
- STATISTA. Average annual inmate expenditures for federal correctional services in Canada from FY 2010 to FY 2021. **Statista Research Department**, Jan 23, 2025a. Available from: <https://www.statista.com/statistics/563028/average-annual-inmate-federal-correctional-services-canada/>. Accessed on: Nov 28, 2025.
- STATISTA. Distribution of adult population in federal correctional services in Canada in FY 2021, by self-reported race. **Statista Research Department**, Jan 23, 2025b. Available from: <https://www.statista.com/statistics/561857/distribution-of-adult-population-in-federal-correctional-services-canada-by-race/>. Accessed on: Nov 28, 2025.
- STATISTICS CANADA. Cost of Housing Federal Inmates. **Statistics Canada**, March 2024. Available from: <https://www.statista.com/statistics/563028/average-annual-inmate-federal-correctional-services-canada/>. Accessed on: Nov 28, 2025.

When bad things happen to good programs

STATISTICS CANADA. Average counts of offenders in federal programs, 2022, Canada and regions. **Statistics Canada**, Nov 19, 2025. Available from: <https://www150.statcan.gc.ca/t1/tbl1/en/tv.action?pid=3510015501>. Accessed on: Nov 28, 2025.

VAN DER MEULEN, Emily, OMSTEAD, Jackie. The Limits of Rehabilitation and Recidivism Reduction: Rethinking the Evaluation of Arts Programming in Prisons. **The Prison Journal**, Philadelphia, v. 101, n. 1, 2021.

WATKINS, Mary, SHULMAN, Helene. **Toward Psychologies of Liberation**. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

WEIDNER, Johanna. Grand Valley inmates celebrate release of album. **The Record**, March 8, 2018. Available from: https://www.therecord.com/news/waterloo-region/grand-valley-inmates-celebrate-release-of-album/article_41c7df60-a489-5f6c-985f-91453cf940cd.html. Accessed on: Nov 28, 2025.

WORLD PRISON BRIEF. **World Prison Brief Data**: North America, Canada. London: Institute for Crime & Justice Policy Research, 2023.